

APRESENTAÇÃO

Este segundo número regular de 2018, ora divulgado com grande satisfação pela Comissão Editorial da Revista Pegada, traz sete artigos sobre temas variados, dentro do amplo temário do trabalho e de suas múltiplas possibilidades de análise e compreensão, a partir da teoria social crítica. Vale a pena destacar a presença de contribuições teórico-conceituais de grande pertinência para a Geografia do Trabalho e sua discussão, em torno da teoria do valor, da plasticidade do trabalho e do movimento territorial da classe trabalhadora, da luta de classes e da luta pela terra, da saúde do trabalhador e do papel ocupado pelo Estado na expansão do capital na atualidade.

Abrindo este número, em um artigo de fôlego, Antonio Thomaz Junior propõe-se a analisar as mudanças e reordenamentos no mundo do trabalho, os quais, desde o final dos anos 1980 orientam novas linhas de expressão do conflito social envolvendo não apenas a relação capital/trabalho nos moldes clássicos, mas outras formas de dominação e outros sujeitos, no campo e na cidade, fato que demanda um conceito igualmente ampliado de classe trabalhadora. Retomando autores clássicos e pesquisas contemporâneas desenvolvidas no âmbito da Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP), o texto sintetiza um amplo conjunto de contribuições e, para dar conta deste tecido social reconfigurado, propugna as categorias de desterração e movimento territorial do trabalho.

Na sequência, João Edmilson Fabrini realiza um mergulho na teoria do valor-trabalho, fundamentada na Economia Política Clássica e em sua contundente crítica desferida por Marx, a qual advoga a centralidade do trabalho na criação de valor, a fim de contrapor tal concepção à prática da produção orgânica a partir de conhecimentos da agroecologia - segundo o autor, um caso em que o valor decorre muito mais da força da natureza que da força do trabalho.

O terceiro artigo, assinado por Thiago da Silva Melo, discute a construção ideológica e política do termo agronegócio, amplamente utilizado pelos meios de comunicação e pela própria academia. Embasado em rica revisão de literatura, o autor constata que o termo em questão tem atendido aos interesses de determinados grupos econômicos (e não de outros), sendo pertinente a reflexão sobre seu emprego e o perigo de sua naturalização na elaboração de estudos científicos.

Aline Fialho, João Diógenes dos Santos e Suzane Souza tomam o caso do Assentamento Cangussu, localizado no município de Barra do Choça (BA), para refletir sobre como as relações existentes entre reprodução camponesa, luta pela terra e memória fornecem elementos para a compreensão da centralidade da luta de classes na sociedade contemporânea. Para os autores, a luta pela terra constitui-se enquanto expressão da luta de classes e tem assento na memória, sendo também uma luta contra o esquecimento.

No quinto artigo, Fernanda Keiko Ikuta apresenta uma discussão sobre o avanço do capital no campo brasileiro e as formas de resistências e r-existências das quais os camponeses da Comunidades de Arroio Grande, no Paraná, lançam mão para contrapor-se à lógica do capital no campo, neste caso, a subordinação desses sujeito ao cultivo de tabaco. Através da agroecologia, os camponeses dessa comunidade adotam formas e estratégias de r-existência, o que tem contribuído para uma maior autonomia sobre os meios de produção e refletido em um conjunto de mudanças na concepção desses trabalhadores sobre suas próprias atividade de trabalho, sobre os meios de produção e de sua relação com a natureza.

O papel do Estado no avanço do setor sucroenergético no Brasil contemporâneo é o tema abordado por Marcos Antonio de Souza no sexto artigo deste número. Face ao vertiginoso e recente avanço do capital empregado no setor, com o crescimento das inversões e a construção ou modernização de centenas de usinas, o autor defende a tese de que o Estado representa o comando político do capital sendo, portanto, o principal agente promotor desta atividade no âmbito da agropecuária capitalista.

Por fim, à luz do referencial teórico da Saúde do Trabalhador e por meio de metodologia qualitativa, Roseli Pires e Eguimar Chaveiro estabelecem uma correlação entre a expansão do agronegócio sucroalcooleiro, na microrregião do Sudoeste Goiano, e a psicodinâmica de trabalho, no que concerne às vivências de prazer e sofrimento no trabalho e suas estratégias defensivas de enfrentamento. Segundo os autores, a investigação permitiu concluir que, conquanto os sentimentos de prazer, satisfação e felicidade também tenham sido relacionados ao trabalho, o cansaço físico e mental prevalece nas evocações dos trabalhadores do setor.

Boa leitura!

Guilherme Marini Perpetua e Thiago Pereira de Barros